

ENEM CONVENCIONAL
LISTA 22



Superintendência de
Ensino Médio

Secretaria de
Estado da
Educação



DESAFIO WEEKEND
TEMA: FIGURAS DE LINGUAGENS

DATA: ____/____/2021.

NOME:

LÍNGUA PORTUGUESA

QUESTÃO 01



(Unifor-CE/2021) Leia o texto a seguir.

A sensação de estar caindo constantemente em ratoeiras virtuais é grande após assistir ao documentário da Netflix “O Dilema das Redes”. Sua história gira em torno de diversos profissionais da área da tecnologia da informação que, nos últimos quinze anos, ajudaram na construção do que hoje é o Facebook, Twitter, Instagram, Google, Pinterest e Oracle. Com a direção de Jeff Orlowski, a estrutura tradicional é corrompida quando a narrativa passa ao espectador informações na forma de animação e de ficção, com uma história que ilustra os pontos de vista dos entrevistados. [...]

KLIMIUC. O Dilema das Redes (Netflix, 2020): mea culpa e medo da verdade. Cinema com Rapadura. Disponível em: <https://cinemacomrapadura.com.br>. Acesso em: 28 nov. 2020.

As redes sociais causam impactos reais nas interações humanas da contemporaneidade. Dessa forma, a construção no texto da metáfora “ratoeiras virtuais” está alicerçada em um

- (A) paradoxo em si, já que um objeto físico não conseguiria ser materializado na rede.
- (B) pensamento falacioso, pois os entrevistados desconhecem o tema a fundo.
- (C) raciocínio hiperbólico porque o documentário suaviza o impacto das redes no real.
- (D) tênue equilíbrio entre estímulo e recompensa que induz o usuário ao risco.
- (E) comparativo literal, que aborda como as redes ajudam na propagação de pestes.

QUESTÃO 02



(Unifesp-SP/2020) Leia a crônica “Inconfiáveis cupins”, de Moacyr Scliar.

Havia um homem que odiava Van Gogh. Pintor desconhecido, pobre, atribuía todas suas frustrações ao artista holandês. Enquanto existirem no mundo aqueles horríveis girassóis, aquelas estrelas tumultuadas, aqueles ciprestes deformados, dizia, não poderei jamais dar vazão ao meu instinto criador.

Decidiu mover uma guerra implacável, sem quartel, às telas de Van Gogh, onde quer que estivessem. Começaria pelas mais próximas, as do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Seu plano era de uma simplicidade diabólica. Não faria como outros destruidores de telas que entram num museu armados de facas e atiram-se às obras, tentando destruí-las; tais insanos não apenas não conseguem seu intento, como acabam na cadeia. Não, usaria um método científico, recorrendo a aliados absolutamente insuspeitados: os cupins.

Deu-lhe muito trabalho, aquilo. Em primeiro lugar, era necessário treinar os cupins para que atacassem as telas de Van Gogh. Para isso, recorreu a uma técnica pavloviana. Reproduções das telas do artista, em tamanho natural, eram recobertas com uma solução açucarada. Dessa forma, os insetos aprenderam a diferenciar tais obras de outras.

Mediante cruzamentos sucessivos, obteve um tipo de cupim que só queria comer Van Gogh. Para ele era repulsivo, mas para os insetos era agradável, e isso era o que importava.

Conseguiu introduzir os cupins no museu e ficou à espera do que aconteceria. Sua decepção, contudo, foi enorme. Em vez de atacar as obras de arte, os cupins preferiram as vigas de sustentação do prédio, feitas de madeira absolutamente vulgar. E por isso foram detectados.

O homem ficou furioso. Nem nos cupins se pode confiar, foi a sua desconsolada conclusão. É verdade que alguns insetos foram encontrados próximos a telas de Van Gogh. Mas isso não lhe serviu de consolo. Suspeitava que os sádicos cupins estivessem querendo apenas debochar dele. Cupins e Van Gogh, era tudo a mesma coisa.

O imaginário cotidiano, 2002.

Em “Mediante cruzamentos sucessivos, obteve um tipo de cupim que só queria comer Van Gogh” (5º parágrafo), o cronista recorre à figura de linguagem denominada

- (A) metonímia.
- (B) hipérbole.
- (C) eufemismo.
- (D) personificação.
- (E) pleonasmo.



QUESTÃO 03

(UFMS/2020) Considere os versos do poema “As trevas”, que integra a obra *Espumas flutuantes*, de Castro Alves.

“Tive um sonho em tudo não foi sonho!...”

O sol brilhante se apagava: e os astros,
Do eterno espaço na penumbra escura,
Sem raios, e sem trilhos, vagueavam.
A terra fria balouçava cega
E tétrica no espaço ermo de lua.
A manhã ia... vinha ... e regressava...
Mas não trazia o dia! Os homens pasmos
Esqueciam no horror dessas ruínas
Suas paixões: E as almas conglobadas
Gelavam-se num grito de egoísmo
Que demandava ‘luz’. Junto às fogueiras
Abrigavam-se... e os troncos e os palácios,
Os palácios dos reis, o albergue e a choça
Ardiam por fanais. Tinham nas chamas
As cidades morrido. Em torno às brasas
Dos seus lares os homens se grupavam,
P’ra à vez extrema se fitarem juntos.
Feliz de quem vivia junto às lavas
Dos vulcões sob a tocha alcantilada!”

As figuras de linguagem estão presentes em textos poéticos e produzem expressividade no discurso, criando efeitos de sentido variados. Assinale a alternativa que nomeia a figura em destaque nos seguintes versos: “E as almas conglobadas/**Gelavam-se** num grito de egoísmo”.

- (A) Aliteração.
- (B) Comparação.
- (C) Metonímia.
- (D) Catacrese.
- (E) Sinestesia.

QUESTÃO 04

(Unesp-SP/2020) Leia o soneto “VII”, de Cláudio Manuel da Costa.

Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado,
E em contemplá-lo, tímido, esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado;
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!
Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

Cláudio Manuel da Costa. *Obras*, 2002.

O eu lírico recorre ao recurso expressivo conhecido como hipérbole no verso:

- (A) “Quem fez tão diferente aquele prado?” (1ª estrofe)
- (B) “E em contemplá-lo, tímido, esmoreço.” (1ª estrofe)
- (C) “Quanto pode dos anos o progresso!” (2ª estrofe)
- (D) “Que faziam perpétua a primavera.” (3ª estrofe)
- (E) “Árvores aqui vi tão florescentes.” (3ª estrofe)

QUESTÃO 05

(Santa Casa-SP/2020) Leia a crônica “Analfabetismo”, de Machado de Assis.

Gosto dos algarismos, porque não são de meias medidas nem de metáforas. Eles dizem as coisas pelo seu nome, às vezes um nome feio, mas não havendo outro, não o escolhem. São sinceros, francos, ingênuos. As letras fizeram-se para frases: o algarismo não tem frases, nem retórica.

Assim, por exemplo, um homem, o leitor ou eu, querendo falar do nosso país dirá:

— Quando uma Constituição livre pôs nas mãos de um povo o seu destino, força é que este povo caminhe para o futuro com as bandeiras do progresso desfraldadas. A soberania nacional reside nas Câmaras; as Câmaras são a representação nacional. A opinião pública deste país é o magistrado último, o supremo tribunal dos homens e das coisas. Peço à nação que decida entre mim e o Sr. Fidélis Teles de Meireles Queles; ela possui nas mãos o direito a todos superior a todos os direitos.

A isto responderá o algarismo com a maior simplicidade:

— A nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler; desses uns 9% não leem letra de mão. 70% jazem em profunda ignorância. Não saber ler é ignorar o Sr. Meireles Queles: é não saber o que ele vale, o que ele pensa, o que ele quer; nem se realmente pode querer ou pensar. 70% dos cidadãos votam do mesmo modo que respiram: sem saber por que nem o quê. Votam como vão à festa da Penha, — por divertimento. A Constituição é para eles uma coisa inteiramente desconhecida. Estão prontos para tudo: uma revolução ou um golpe de Estado.

Replico eu:

— Mas, Sr. Algarismo, creio que as instituições...

— As instituições existem, mas por e para 30% dos cidadãos. Proponho uma reforma no estilo político. Não se deve dizer: “consultar a nação, representantes da nação, os poderes da nação”; mas — “consultar os 30%, representantes dos 30%, poderes dos 30%”. A opinião pública é uma metáfora sem base: há só a opinião dos 30%. Um deputado que disser na Câmara: “Sr. Presidente, falo deste modo porque os 30% nos ouvem...” dirá uma coisa extremamente sensata.

E eu não sei que se possa dizer ao algarismo, se ele falar desse modo, porque nós não temos base segura para os nossos discursos, e ele tem o recenseamento.

15 de agosto de 1876. *Crônicas escolhidas de Machado de Assis*, 1994.

O texto é organizado com base em uma figura de linguagem. Trata-se do/da

- (A) pleonismo.
- (B) hipérbole.
- (C) personificação.
- (D) metonímia.
- (E) eufemismo.

QUESTÃO 06

(FGV/2020) Leia o texto a seguir.

IV Selo de Minas EVOCAÇÃO MARIANA

*A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.
Havia poucas flores. Eram flores de horta.
Sob a luz fraca, na sombra esculpida
(quais as imagens e quais os fiéis?)
ficávamos.*

*Do padre cansado o murmúrio de reza
subia às tábuas do forro,
batia no púlpito seco,
entranhava-se na onda, minúscula e forte, de incenso,
perdia-se.*

*Não, não se perdia...
Desatava-se do coro a música deliciosa
(que esperas ouvir à hora da morte, ou depois da
morte, nas campinas do ar)
e dessa música surgiam meninas — a alvura mesma —
cantando.*

*De seu peso terrestre a nave libertada,
como do tempo atroz imunes nossas almas,
flutuávamos
no canto matinal, sobre a treva do vale.*

Carlos Drummond de Andrade, Claro enigma.

O exemplo que **NÃO** corresponde ao recurso expressivo indicado é

- (A) Inversão: “De seu peso terrestre a nave libertada”.
- (B) Elipse: “Os altares, humildes”.
- (C) Sinestesia: “Desatava-se do coro a música deliciosa”.
- (D) Metáfora: “ou depois da morte, nas campinas do ar”.
- (E) Eufemismo: “e dessa música surgiam meninas — a alvura mesma —”.

QUESTÃO 07

(FGV/2020) Examine a tirinha.



André Dahmer, malvados.com.br.

O efeito de humor da tirinha decorre, principalmente, da quebra de expectativa produzida pelo seguinte recurso expressivo:

- (A) linguagem figurada.
- (B) ambiguidade.
- (C) redundância.
- (D) eufemismo.
- (E) alegoria.

QUESTÃO 08

(IFBA/2020) Leia a tirinha a seguir.



Disponível em: <http://gg.gg/vvww4>. Acesso em: 30 jul. 2019.

O balão do segundo quadrinho da tira apresenta características:

- (A) hiperbólicas, em razão da mistura de sensações do locutor.
- (B) metafóricas, porque dá vida a um ser inanimado.
- (C) sinestésicas, pela presença das expressões “energia nuclear” e “mísseis rastreadores”.
- (D) metafóricas, porque a comparação acontece de forma indireta.
- (E) hiperbólicas, dado o exagero do seu conteúdo.

QUESTÃO 09

(Fuvest-SP/2019) Leia os poemas a seguir.

Soneto do falso Fernando Pessoa

Onde nasci, morri.
Onde morri, existo.
E das peles que visto
muitas há que não vi.

5 Sem mim como sem ti
posso durar. Desisto
de tudo quanto é misto
e que odiei ou senti.

Nem Fausto nem Mefisto,
10 à deusa que se ri
deste nosso oaristo*,

eis-me a dizer: assisto
além, nenhum, aqui,
mas não sou eu, nem isto.

Carlos Drummond de Andrade. **Claro Enigma.**
*conversa íntima entre casais.

Ulisses

O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo -
O corpo morto de Deus,
5 Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
10 E nos criou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
15 De nada, morre.

Fernando Pessoa. **Mensagem.**

O oxímoro é uma “figura em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão” (HOUAISS, 2001). No poema “Soneto do falso Fernando Pessoa”, o emprego dessa figura de linguagem ocorre em:

- (A) “Onde morri, existo” (Ref. 2).
- (B) “E das peles que visto / muitas há que não vi” (Refs. 3-4).
- (C) “Desisto / de tudo quanto é misto / e que odiei ou senti” (Refs. 6-8).
- (D) “à deusa que se ri / deste nosso oaristo” (Refs. 10-11).
- (E) “mas não sou eu, nem isto” (Ref. 14).

QUESTÃO 10

(UEG GO/2019) Leia o poema e a tirinha a seguir.

X. MAR PORTUGUÊS

- 1 Ó mar salgado, quanto do teu sal
- 2 São lágrimas de Portugal!
- 3 Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
- 4 Quantos filhos em vão rezaram!
- 5 Quantas noivas ficaram por casar
- 6 Para que fosses nosso, ó mar!
- 7 Valeu a pena? Tudo vale a pena
- 8 Se a alma não é pequena.
- 9 Quem quer passar além do Bojador
- 10 Tem que passar além da dor.
- 11 Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
- 12 Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, Fernando. Mar Português. In: *Antologia Poética*. Organização Walmir Ayala. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. p. 15.



Disponível em: <http://gg.gg/vvwvj>. Acesso em: 13 nov. 2018.

O sentido da tirinha é construído a partir da relação que estabelece com os famosos versos de Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena” (linhas 7-8). O modo como esses dois textos se relacionam é chamado de

- (A) paráfrase.
- (B) linearidade.
- (C) metalinguagem.
- (D) intencionalidade.
- (E) intertextualidade.



GABARITO

- Questão 01 – D
- Questão 02 – A
- Questão 03 – E
- Questão 04 – D
- Questão 05 – C
- Questão 06 – E
- Questão 07 – B
- Questão 08 – E
- Questão 09 – A
- Questão 10 – E